



Greve geral de 1917: consolidação e construção do movimento operário dentro da cidade de São Paulo – através do prisma do jornal *A Plebe*

Matheus Barrientos Ferreira*

FERREIRA, M. B. **Greve geral de 1917:** consolidação e construção do movimento operário dentro da cidade de São Paulo – através do prisma do jornal *A Plebe*.

História Social, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 354-383.

<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5283>

Resumo: O presente artigo tem por finalidade a análise e compreensão da forma como o processo da Greve Geral de 1917 foi abordado nas páginas de um dos principais jornais anarquistas do período, *A Plebe*. O movimento grevista dentro da cidade de São Paulo promoveu o fortalecimento do operariado enquanto grupo sindical, principalmente na luta por direitos e melhorias sociais. Entretanto, a luta sindical apresentou também a preocupação pelo ensino de seus pensamentos e diretrizes. Por fim, o artigo tem o objetivo de compreender o papel do jornal perante os fatos que aconteciam na cidade, dentro do recorte temporal de 1917, e, como essas informações foram apresentadas aos leitores.

Palavras-chave: Operário. Movimento Anarquista. *A Plebe*.

* Doutorando em História Política pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4320-6377>.



General strike of 1917: consolidation and construction of
the workers' movement within the city of São Paulo –
through the prism of the newspaper *A Plebe*

Matheus Barrientos Ferreira

Abstract: The purpose of this article is to analyze and understand how the 1917 General Strike was covered in the pages of one of the main anarchist newspapers of the period, *A Plebe*. The strike movement within the city of São Paulo promoted the strengthening of the working class as a trade union group, especially in the fight for rights and social improvements. However, the union struggle was also concerned with teaching its thoughts and guidelines. Finally, the article aims to understand the newspaper's role in the events that took place in the city in 1917, and how this information was presented to readers.

Keywords: Worker. Anarchist Movement. *A Plebe*.

Introdução

O movimento anarquista dentro do contexto da cidade de São Paulo se fez presente desde o começo do século XX com greves, reuniões, leituras/explicações ao ar livre. Entretanto, ganhou campo a partir do evento que paralisou em grande proporção as fábricas da capital paulista – Greve Geral de 1917 – através da paralisação muitas lideranças ligadas a causa sindical operária alinharam suas propostas. Dessa forma, constituindo diferentes movimentos e frentes, que buscaram levar a classe operária ao desenvolvimento necessário para sua ascensão.

Compreender o movimento operário vai muito além da ideologia principalmente dentro do contexto paulista, o processo de disseminação, aceitação e construção passam pelas páginas dos jornais anarquistas/operários que proporcionaram o suporte necessário para que seus ideais chegassem nos extremos da cidade, nas camadas mais baixas das classes sociais, e que principalmente dialogassem com esses grupos, apresentando a realidade do prisma camuflado pelas manipulações propostas no bojo da oligarquia.

O anarquismo paulista constituiu sua agenda pautado nos direitos dos operários, mas acima de tudo, um projeto libertador através de seus artigos publicados nos veículos de comunicação, assim como, o sistema de ensino. A liderança do movimento além de lutar contra o sistema, as instituições governamentais, e a elite, buscava educar a classe operária para que cada indivíduo pudesse ter sua própria ascensão particular e contribuir com a causa.

Importante ressaltar que as primeiras décadas do século XX para a cidade de São Paulo representaram grande crescimento do número de habitantes, principalmente pelo advento da imigração euroasiática, segundo Hamilton Santos², entre os anos de 1871 e 1920 aproximadamente

² SANTOS. Hamilton. **Imigração e Anarquismo no movimento operário durante a Primeira República**. Revista Estudos Libertários, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 2, p. 1-33, 2 semestre de 2019. p. 10.

3.390.000 de imigrantes desembarcaram nos portos do Brasil, em suma o Porto de Santos-SP recebeu ampla maioria desses novos habitantes.

Odair da Cruz Paiva, ainda exemplifica sobre os dados apresentados pela Hospedaria de Imigrantes de São Paulo (1888-1978), apresenta os números de imigrantes/migrantes que passaram por suas instalações, “Aproximadamente 3,5 milhões de pessoas sendo, 1,9 milhão de estrangeiros e 1,6 milhão de trabalhadores nacionais, oriundos notadamente da região nordeste do país.”³. Entretanto, abro adendo pois deve-se haver muito cuidado com a criação mitológica da interação entre *imigrante* e *militante*, dois sujeitos que muitas vezes não se tornam singular, como bem explica Cláudio Batalha⁴.

Deste modo, juntamente com os imigrantes vindos de diferentes localidades do mundo, muitas ideologias políticas desembarcaram na cidade. Vale ressaltar, que em sua grande maioria os imigrantes que vieram para o Brasil tinham sua origem em áreas rurais em seu país natal. Entretanto, os imigrantes que se fixaram nos grandes centros como São Paulo parcelas consideráveis já tinham experiências com movimentos sociais/políticos.

Através da reflexão proposta podemos perceber que, “Os imigrantes proporcionam a introdução e o fortalecimento dos movimentos já existentes na sociedade paulistana, quando a temática se direciona à luta social por direitos”⁵. Assim, muitos aspectos que sustentavam os primórdios dos movimentos sociais na cidade puderam se desenvolver e englobar o conhecimento desses novos habitantes que a cada dia preenchiam cada vez mais as ruas, fábricas, linhas de frente do movimento.

³ PAIVA, Odair da Cruz. **Arquivos da imigração no contexto da hospedaria de imigrantes de São Paulo**. Marília: Revista Patrimônio e Memória, Marília, SP, v. 5, n. 2, p. 82-97, dez. 2009. p. 83.

⁴ BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org). **O tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

⁵ BARRIENTOS, Matheus Ferreira. **O jornal A Plebe e a luta pela construção de uma consciência anarquista de classe (1917-1924)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2023. p. 17.

O advento da república no Brasil, proporcionou aos grupos sociais grande empenho em organização e construção de pautas direcionadas, para atender as dificuldades que seus componentes vinham enfrentando ao longo da construção do Estado brasileiro. Nelson Werneck Sodré⁶, reflete que o processo descrito proporcionou em primeiro momento mudanças organizacionais dentro da cidade de São Paulo, mas principalmente isso poder ser percebido, a partir do momento em que os integrantes das classes mais baixas passam a construir relações que tinham por objetivo mudanças na então situação enfrentada.

O recorte temporal dentro do ano de 1917 se direciona ao período de grande turbulência na capital do estado e organização sindical operária contra as mazelas enfrentadas em diferentes questões, sejam, dentro dos meios fabris, ou, em sua vida social. Boris Fausto⁷, explica que o movimento operário no começo do século XX sofreu grande influência de ideologias como, anarquismo, socialismo e *trabalhismo*, se comportando de diferentes formas no seio da classe, promovendo alas radicais e moderadas. O movimento que paralisou boa parte das fábricas na cidade, pode demonstrar em primeiro momento aos industriais a força operária que se modulava.

A década de 1910 se apresenta dentro da história como período de grande turbulência em diversas nações, dentre tantos fatos importantes tivemos a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917), além propriamente dito do grande desenvolvimento da indústria e comércio estadunidense. O processo revolucionário russo pôde inspirar as organizações sindicais para uma possível luta por transformações em solo brasileiro.

Já na década referida, os veículos de informações anarquistas (revolucionários) ganharam força, principalmente na cidade de São Paulo importante reduto operário em comparação a outros tantos centros

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 306.

⁷ FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 61.

urbanos espalhados pelo Brasil. Deste modo, o movimento grevista pôde proporcionar aos periódicos a força necessária para o seu crescimento perante a classe operária – destaque o *A Plebe* – além de proporcionar o seu adentro nas *entranhas* do sistema fabril paulista, tornando-se figura presente entre conversas e intervalos nas fábricas.

Alexandre Samis, reflete, “A imprensa é um veículo que merece maiores atenções no que diz respeito à investigação das transformações, operadas pelos discursos, no conceito de anarquismo.”⁸. Ainda no século XIX, o autor identifica as raízes da imprensa anarquista com os primeiros jornais trazendo escrituras que buscavam disseminar, identificar e promover compreensão a respeito da ideologia, mesmo que pitoresca e sutil, em relação aos meios de comunicação que compuseram o século XX.

Para a compreensão dos pilares que originaram, *A Plebe*, não podemos deixar de dar ênfase ao seu antecessor, *A Lanterna*⁹, no qual, através da sua luta pelos direitos dos trabalhadores, assim como, o fim da repressão promovida pelo estado pôde proporcionar bases que auxiliaram no fortalecimento do movimento. O jornal anticlerical paulistano mesmo com as inúmeras dificuldades conseguiu organizar a classe operária, buscando dentre os fatores aqui já esclarecidos trazer a luz do esclarecimento/conhecimento aos seus leitores, despertando-os do *transe social* imposto pelos grupos dominantes. Segundo Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca¹⁰, quase todos os jornais enfrentavam dificuldades dentro do período seja ele por recurso ou repressão do estado.

Fato importante expor neste momento, é a presença de Edgard Leuenroth (1881-1968) na organização e produção das duas redações, *A Lanterna* e *A Plebe*. O jovem anarquista nascido na cidade de Mogi Mirim-

⁸ SAMIS, Alexandre. **Os matizes do sentido-anarquismo, anarquia e a formação do vocabulário político no século XIX**. Revista Verve, São Paulo, SP, n. 2, 2002. p. 56.

⁹ Jornal anarquista anticlerical fundado na cidade de São Paulo em 1901, passando por diversas interrupções até sua extinção em 1935.

¹⁰ MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SP nas proximidades da capital, se mudou ainda jovem para São Paulo onde cresceu em meio as transformações urbanísticas que vivenciava a cidade, assim como, obteve importantes experiências através dos empregos. Vale destacar a sua introdução ao socialismo em um de seus empregos.

O líder anarquista contribuiu de forma efetiva ao jornal anticlerical, *A Lanterna*, podendo compreender a verdadeira realidade enfrentada pelos operários da cidade. Desta forma, através da experiência que obteve com Benjamin Motta (1870-1940), em 1917 no decorrer do caos grevista enfrentado pelas fábricas da cidade, o militante anarquista fundou o que foi considerado por muitos historiadores como um dos principais jornais anarquistas dentro do século XX na causa operária, *A Plebe*, sendo descrito pelo próprio como, “A Plebe, como facilmente se verifica é uma continuação da A Lanterna, ou melhor dizendo, é a própria A Lanterna.”¹¹.

A disseminação de seus ideais, projetos e ações pelas páginas dos periódicos anarquistas como, *A Plebe*, auxiliou a propagação dos pensamentos ideológicos anarquistas dentro da classe operária. O presente artigo tem por finalidade, o estudo e análise da forma como o jornal abordou o acontecimento grevista de 1917 dentro de São Paulo, buscando compreender seus pensamentos e ações dentro do processo de paralização operária. Não é meu objetivo fazer a reconstrução da história do periódico anarquista, mas sim, compreender o seu papel e transmissão dos fatos que aconteciam na cidade.

1917: O dia em que São Paulo parou

A imprensa anarquista do começo do século XX dentro da cidade de São Paulo, tinha como objetivo central a libertação esclarecida dos trabalhadores, assim como, das pessoas que viviam na *escuridão* social. No caso das greves, os trabalhadores deveriam reter contigo a compreensão da essência do movimento e as mazelas que rodeavam sua realidade. Luigi Biondi, retrata os acontecimentos de 1917 que paralisou a capital:

¹¹ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 1, p. 1.

As greves e protestos de agosto de 1917 tiveram características deste tipo: grande mobilização das mulheres ou famílias operárias, greves por melhores condições de trabalho e aumento salarial, assaltos a moinhos e padarias, embate violento com a polícia e depois com o Exército.¹²

O esforço dos pequenos jornais e revistas eram enormes perante as dificuldades urbanas-sociais, e a *desordem* se apresentava com único caminho para promover o que outrora fora denominado como “Rumo à Revolução Social”¹³. O processo urbanístico e industrial que marcou as primeiras décadas do século XX, promoveu o crescimento da classe operária mudando a realidade social e produtiva da cidade de São Paulo. Entretanto não entrarei no mérito da discussão sobre a formação dessa importante classe social, muito pela centralidade da escrita sobre o desenvolvimento do processo grevista e sua tradução nas páginas do *A Plebe*.

O dinamismo exposto promoveu a abertura de inúmeras redações na cidade – como as redações já citadas anteriormente – marcaram a escrita e difusão de informações. Segundo Biondi¹⁴, os jornais anarquistas que circulavam nas ruas da cidade de São Paulo traziam em seu bojo muito além de informações, eram importantes centros organizacionais e propulsores para os grupos libertários.

A imprensa anarquista do começo do século XX na capital paulista tinha como objetivo central retratar a vida e luta dos operários. Do modo que seus textos eram direcionados a promoção da libertação esclarecida dos trabalhadores, muito pelo ideal educativo, como bem explica Vanice Maria Oliveira Sargentini¹⁵.

¹² BIONDI, Luigi. **A Greve Geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana**: Novas perspectivas. Cadernos AEL, Campinas, SP, v. 15, n. 27, 2009. p. 269.

¹³ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 1, p. 1.

¹⁴ BIONDI, Luigi. **A Greve Geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana**: Novas perspectivas. Cadernos AEL, Campinas, SP, v. 15, n. 27, 2009.

¹⁵ SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A imprensa operária anarquista**. Revista UFG, Goiânia, GO, v. 10, n. 5, 2008.

O processo grevista para suas lideranças passava primeiramente pela compreensão em dois pontos: 1-A realidade presenciada no centro urbano; 2-A essência/estrutura do movimento. Segundo ainda a autora, “Os jornais publicados pela imprensa operária anarquista eram, em geral, produzidos por operários que escreviam para operários, circulavam de forma rápida, de mãos em mãos, muitas vezes distribuídos na porta de fábrica.”¹⁶.

O esclarecimento apontado pelas lideranças do movimento desde o seu princípio, de certa forma não é vista como ampla, do modo que a *libertação espiritual* como foi denominada se restringia muito ao grupo dos operários e seus familiares, delimitando em um primeiro momento a adesão de outras camadas sociais, para que então houvesse o que hoje entendemos como: *Revolução Social*. Como podemos perceber através da explicação de Martins e De Luca:

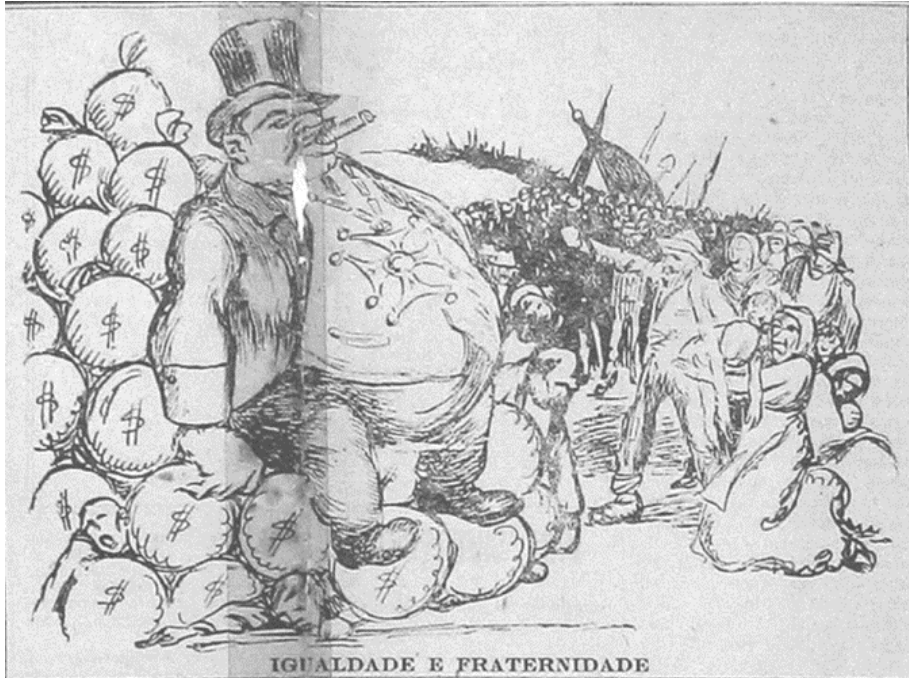
Sabe-se que, para os anarquistas, o esclarecimento do homem comum nunca foi uma questão de doutrinação sistemática. Na verdade, a ação intelectual anarquista, embora assumindo um compromisso essencial com a libertação espiritual do povo, não se dirigia à massa em abstrato, nos termos em que propunham “aqueles que pretendiam governá-la”.¹⁷

O periódico anarquista, *A Plebe*, que nasceu juntamente com o movimento grevista que revolucionou muitas perspectivas sobre a realidade operária e a própria cidade de São Paulo, trouxe consigo a função de cobrir os desdobramentos do movimento operário, assim como, denunciar os constantes abusos pelos órgãos governamentais. Desta forma, o jornal buscou disseminar a informação através de diferentes pontos como a escrita e a iconografia, para que houvesse o entendimento pelo maior número de operários possíveis.

¹⁶ SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A imprensa operária anarquista**. *Op. Cit.* p. 42.

¹⁷ MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 132.

Figura 1 – “Igualdade e Fraternidade”.



Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 1, 9 jun. 1917, p. 1. (Arquivo Pessoal)

O jornal buscou proporcionar a abertura de espaços em suas páginas para a participação, denúncia, olhar, opinião dos trabalhadores. Deste modo, constantemente pode ser notado em suas publicações, *Commentarios de um plebeu*, no qual, através de diferentes temas e situações buscou-se compreender/apresentar como era visto a questão que se desenrolava nas ruas da capital pelos operários, como pode ser compreendido no recorte:

Piedosamente disse então a este amigo, que lera *A Plebe* em anuncio, o que este jornal, publicado uma vez na semana, representa como sacrificio e audacia, as suas idéas, o seu programma a sua vida. Expliquei-lhe que se tratava de um jornal da vanguarda, preconizando uma ordem social radicalmente diversa da que existe.¹⁸

¹⁸ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 5, p. 2.

A Greve Geral de 1917, iniciou no dia 8 de junho de 1917¹⁹ com ampla paralisação das atividades industriais na cidade de São Paulo, o evento que começou no bairro da Mooca e Brás na zona leste da cidade, onde havia grande concentração de trabalhadores e indústrias. Cláudio Batalha, retrata da seguinte forma a organização operária paulista do referido período:

Também podem ser considerados uma forma de organização em momentos de crise, como ocorreu na cidade de São Paulo na conjuntura grevista de 1917 a 1919 - quando, diante da desorganização dos sindicatos de ofício e de indústria, surgiu uma série de ligas operárias por bairro (Liga Operária da Moóca, do Bom Retiro, do Ipiranga, do Brás etc.).²⁰

O número de indústrias crescia década após década na cidade, segundo Fernando Henrique Cardoso, o presente desenvolvimento estava interligado diretamente com as condições proporcionadas pelo café, “Desta forma garantiu as importações do Brasil: as que serviram para o consumo suntuário e as que permitiram a compra de implementos e matérias primas para a indústria.”²¹. Como podemos perceber através da tabela apresentada abaixo o crescimento do número de indústrias na capital.

¹⁹ Vale ressaltar que houve outros movimentos grevistas antes de 1917, como a Greve das 8 horas em 1907. Sendo 1917 considerado pelos anarquistas como divisor de águas por isso essa importância.

²⁰ BATALAHA, Cláudio H. M. **O Movimento Operário Brasileiro e a Inspiração Internacional (1870-1920)**. Canoa do Tempo, Manaus, AM, v. 5/6, n. 1, p. 75-88, jan./dez. 2011/2012. p. 16-17.

²¹ CARDOSO, Fernando Henrique. **O café e a industrialização da cidade de São Paulo**. Revista de História, São Paulo, SP, v. 20, n. 42, 1960. p. 472.

Tabela 1. Crescimento das fábricas na cidade de São Paulo.

Cidade – Ano	Fábricas
Antes de 1880	16
SP – 1880-1889	16
SP – 1890-1894	21
SP – 1895-1901	39

Fonte: BANDEIRA, Antonio Francisco Junior. A indústria no Estado de São Paulo em 1901. São Paulo: Tip. do “Diário Oficial”, 1901. p. 127.

No qual aproximadamente 400 operários em um primeiro momento se mobilizaram com reivindicações de aumento de seus salários e melhorias nas condições de trabalho. Vale ressaltar que a classe operária presenciava uma situação complexa, com jornadas de mais de 16 horas diárias, baixos salários e ambiente de trabalho muito precário, com constantes acidentes e fatalidades.

Alguns pontos apresentavam como pilares importantes na pauta da luta operária. Entretanto os grevistas não estavam somente organizados em prol de melhorias para a classe dentro dos meios de produção, havia grande preocupação na promoção do bem-estar social fora dos portões das fábricas. Deste modo, dentro das discussões que envolviam o movimento, se apresentaram a importância da luta pelas condições dos menos favorecidos na sociedade. Assim como relata Tiago Berbaron de Oliveira:

Medidas que interessavam diretamente aos operários em relação a trabalho e salário: reconhecimento do direito de associação dos trabalhadores; proibição do trabalho aos menores de 14 anos e do trabalho noturno aos menores de 18 e às mulheres; pontualidade no pagamento dos salários, a ser efetuado quinzenalmente ou no máximo em vinte dias; estabelecimento da jornada de oito horas diárias; aumento de 35% nos salários inferiores a 5\$000 e de 25% para os mais elevados; e, por fim aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário; [...] medidas que interessavam a toda a população, não apenas operários e grevistas, sob o ponto de vista das condições de vida: que o

Estado garantisse o barateamento dos gêneros alimentícios, requerendo os gêneros indispensáveis à alimentação pública, a fim de evitar a especulação, a adulteração e a falsificação dos produtos alimentares; que os alugueis até 100\$000 sofressem redução de 30%.²²

Um dia após o início dos movimentos grevistas, *A Plebe*²³, nascia através das mãos de Edgard Leuenroth e Florentino de Carvalho (1883-1947), que buscavam neste momento transcrever os acontecimentos ao operariado, com objetivo de constituir ensinamentos que motivassem/mostrassem caminhos para a classe trabalhadora, além da informação. Em suas primeiras semanas/meses de vida o jornal era publicado quando podia, devido a falta de recursos, muito dos trabalhos na redação eram feitos de forma voluntária, somente tempos depois segundo Aracely Mehl Gonçalves e Maria Isabel Moura Nascimento, “Mais tarde adotou a subscrição voluntária como meio de coletar recursos.”²⁴.

A primeira manchete do jornal datado de 9 de junho de 1917, buscou apresentar as propostas e diretrizes do jornal, descrevendo para a sociedade as mazelas que afligiam seu cotidiano. *A desordem e o caos* como foi declarado em suas linhas eram necessários, para combater aqueles que estavam explorando os trabalhadores. Ainda o texto publicado por Florentino de Carvalho reflete:

O Brasil tem sido o paiz ideal dos aventureiros, dos argentarios que vivem a extorquir pela astucia e pela força a pobre humanidade. A industria e o commercio de homens, mulheres e crianças goza, neste terra de promessa, todas as garantias e faz o mais ruidoso sucesso.²⁵

²² OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. p. 105.

²³ O jornal trouxe em suas páginas informações sobre o movimento anarquista, a educação pública, os direitos das mulheres, história dos acontecimentos que rodeavam a classe operária.

²⁴ GONÇALVES, Aracely Mehl; MOURA, Maria Isabel Nascimento. **Anarquismo, Trabalho e Educação nas folhas do jornal “A Plebe”**. São Paulo: Unicamp, 2018. p. 7.

²⁵ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 5, p. 1.

Importante entender neste ponto que a realidade vivida pela classe operária neste período era de grande descaso e exploração, já que as condições de trabalho dentro das fábricas eram ruins, assim como, seus salários pouco dava para viver. Além das condições sociais a qual eram expostos, bairros em condições ruins, muitos sem saneamento básico, moradias nas extremidades da cidade por vezes longe de seu emprego e a falta de escolas para as crianças implicavam no processo de ascensão social.

As lideranças do movimento enxergavam os industriais não só responsáveis pelos problemas presenciados constantemente nas linhas de produção de suas fábricas, assim como, culpados por todas as dificuldades e pobreza que as classes menos favorecidas enfrentavam cotidianamente. Muito do que se expõem neste paragrafo baseia-se principalmente na presença dos grandes afortunados nas decisões e administração da cidade. Afinal, para poder concorrer a cargos públicos e até mesmo votar, dentro deste período havia necessidade de comprovação de renda, o que chamamos de voto censitário.

Edgard Leuenroth, em seu texto publicado nessa primeira edição exalta o jornal sendo um porta-voz do operariado, aponta como braço direito da causa trabalhista, sempre exaltando que o processo estava definindo o futuro da sociedade, e que a compreensão dos acontecimentos por parte daqueles que estavam envolvidos era de extrema necessidade, para que não fosse só mais um amontoado de gritos. Descreve assim o líder anarquista:

E quando comece a lucta, Quando explodir a tormenta, A sociedade corrupta, Execravel e violenta, Iniqua, vil, criminosa, Ha de cair aos pedaços, Ha de voar em estilhaços, Numa ruina espantosa.²⁶

²⁶ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 1, p. 1.

Importante a compreensão da realidade presenciada pela classe operária, que neste período era de grande descaso e exploração. As condições sociais exposta aos trabalhadores, como falta de infraestrutura e ausência de escola para as crianças, implicavam no desenvolver daqueles que ocupavam as posições mais baixas na estrutura social.

Nos primeiros instantes da organização grevista, o jornal destacou, “Oxalá, pois, que o movimento promissor, agora em início, ganhe o devido vulto tão rapidamente quanto a gravíssima situação o exige.”²⁷. A paralização da produção em São Paulo configurou-se primeiramente nas fábricas têxteis Crespí, usufruindo da prática característica nos centro de produção da época, o alto número de emprego da mão de obra infantil, baixos soldos e longas jornadas de trabalho.

Figura 2 – “O operariado de São Paulo parece despertar para a luta”.



Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 1, 9 jun. 1917, p. 3. (Arquivo Pessoal)

Durante os primeiros dias do movimento grevista o jornal trouxe informações da grande adesão por parte dos operários de ambos os sexos, simbolizando assim a preocupação que havia entre os integrantes da classe sobre seus direitos e dificuldades vividas dentro do setor fabril – Tecelões; Carteiros; Laminadores – em diferentes localidades, São Paulo (Itaquera, Belenzinho, Mooca), Ribeirão Preto, Cotia, São Caetano do Sul, a greve se ramificava dentro dos bairros da capital e pelo estado.

²⁷ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 1, p. 3.

Segundo ainda Florentino de Carvalho, o operariado estava através do movimento grevista, realizando grande obra justiceira pelo qual buscava-se rever tudo aquilo que foi extorquido, *roubado*, muito pela própria legalidade que o estado proporcionava. Assim como, relatado acima, suas lideranças buscavam principalmente a generalização do movimento fora de São Paulo e fora da classe operária, de forma que outros cidadãos sejam eles de outras localidades ou classe social compreendessem a causa operária e aderisse a luta social.

Figura 3 – “*Ação Obreira: Sucedem as greves*”.



Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 2, 16 jun. 1917, p. 3. (Arquivo Pessoal)

A cidade de São Paulo passou por profundas transformações urbanísticas no começo do século XX, trazendo novos aspectos a sociedade. Além disso, constituiu importante organização sindical expressada através do processo revolucionário imposto pelas lideranças anarquistas. Para o movimento sindical a luta de classes através da ascensão social dentro do período recorrente, não havia perspectiva de efetividade, já que o distanciamento social entre as classes eram exorbitantes. Desta forma, a única solução apresentada para tal fato, era o processo revolucionário.

Figura 4 – “*Genese das Fortunas*”.

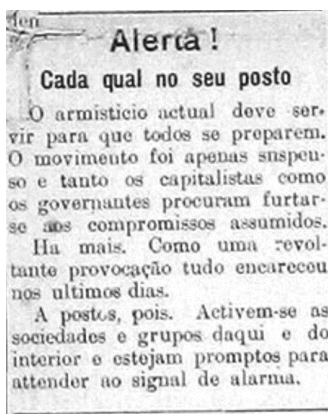


Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 2, 16 jun. 1917, p. 1. (Arquivo Pessoal)

Segundo Oliveira, para os anarquistas a revolução não conseguiria efetividade através da luta por direitos dentro dos órgãos legislativos, devido a grande discrepância entre as classes, a mobilização operária em 1917 era necessária, já que leis e direitos não eram respeitados pelas indústrias e pelos que governavam as instituições públicas. Além disso, o movimento permitiu e deixou de herança considerável organização sindical que não se via presente dentro da classe operária. Assim explica o autor sobre a representatividade anarquista:

Isso não significa, no entanto, que os anarquistas que tomaram parte das organizações sindicais lutassem propriamente pelo estabelecimento jurídico desses direitos. Desta forma, portanto, havia uma dicotomia, por vezes confusa, quanto à concepção de direito entre os anarquistas. De um lado estava a idéia combatida do direito regulado pelo Estado, que só serviria para engendrar a dominação. De outro, o real direito, o inalienável, não passível de codificação, por ser parte integral do ser humano: em senso amplo, direito à vida, à dignidade, à liberdade. A conquista desses direitos só se daria através da revolução e sua efetivação, em sua plenitude, só poderia ser realizada na Anarquia.²⁸

Figura 5 – “Alerta! Cada qual no seu posto.”



Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 4, 30 jun. 1917, p. 3. (Arquivo Pessoal)

²⁸ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. Tese de Doutorado: Universidade Federal Fluminense, 2009. p. 99.

Segundo os dados apresentados por Paulo Celso da Silva, estima-se que entre 70-80 mil operários aderiram à greve causando grande caos na cidade, como relata o autor:

O jornalista ainda descreve como ocorreram saques em armazéns, veículos e bondes sendo incendiados, barricadas armadas nas ruas e vários comícios em que os trabalhadores mostravam sua indignação e pediam providências e participação massiva de todos para por fim às precárias condições em que viviam e trabalhavam.²⁹

“Estão em jogo os destinos da sociedade actual. Multiplos são os elementos que, em tragica associação, arrastam os povos á horrivel situação presente, exigindo que contra todos elles se empenha uma luta sem tréguas e de exterminio.”³⁰, Edgar Leuenroth, reflete que alguns jornais caracterizavam os pobres como vadios e que em São Paulo só era pobre quem não queria trabalhar, visto a cidade como a terra da prosperidade e oportunidade. A respectiva descrição se fez presente no interior do imaginário de muitos paulistanos, assim como, até mesmo dentro da classe operária, esse de fato se apresentou como maior obstáculo para o movimento anarquista. Noticiar, inflamar, não preenchiam todos os requisitos, a compreensão da ideologia e da realidade era necessário.

“Entramos, pois, num periodo de profunda desordem e ai!”³¹, o movimento grevista que se originou nos bairros da capital paulista, concentrando grandes indústrias aqui já citadas, crescia e se aprofundava cada vez mais na classe operária. O jornal buscou trazer em todas as suas publicações durante o período grevista, mantendo o operariado paulistano informado de que não estavam sozinhos na luta pela causa.

²⁹ DA SILVA, Paulo Celso. 100 anos da greve geral de 1917: a iconografia do movimento operário. *In: MARTINS, Marcos Francisco. Lutas sociais em Sorocaba/SP ontem e hoje: Greve Geral de 1917, embate antifascista de 1937 e mobilizações atuais.* São Paulo: Edições Hipótese, 2018. p. 219.

³⁰ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 1, p. 1.

³¹ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 1, p. 2.

A adesão foi intensa, as ações muito bem orquestradas, as posições mantidas, o movimento grevista apresentava acima de tudo forte resistência a toda e qualquer ação contrária do Estado e burguesia. Deste modo, o jornal retratava que não havia outro caminho para aqueles que estavam sendo apontados como culpados pelas mazelas sociais, a não ser aceitarem as exigências e proporcionarem as melhorias para o operariado.

Conclui, *A Plebe*, sobre o movimento grevista e suas lições deixadas:

Hoje, porém, o povo pode constatar que os governantes, os que se dizem representantes do povo desenvolveram uma actividade extraordinária para favorecer os fazendeiros, os comerciantes e os industriaes, procurando dinheiro para empresta-lo aos que de dedicam á exploração da agricultura e da industria.³²

30 dias³³ após o início do movimento grevista, *A Plebe*, trazia em suas páginas um movimento que não baixou a guarda, mesmo com conversas avançando sobre um possível acordo entre as partes envolvidas, o jornal trouxe pontos que relatavam uma luta administrativa contra o que foi chamado de *escravidão industrial*. Ainda dentro da mesma reflexão, apontava uma burguesia assustada com o poderio de união e organização expressado pela classe trabalhadora, antes nunca visto em solo brasileiro³⁴.

Desta forma, conversas avançavam entre industriais e operários, no qual a carga horária de 8 horas trabalhada por dia, o não trabalho noturno por mulheres e crianças e a atualização dos soldos, puderam entrar na pauta da discussão entre as partes.

³² *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 7, p. 1.

³³ Torna-se importante deixar explícito que durante todo o período grevista, assim como, nas publicações futuras, o jornal buscou a todo momento unir o caos, e a mazela vivida pelos trabalhadores as ações da Igreja Católica, apontada como principal ponto de apoio da burguesia para alienação e exploração.

³⁴ Importante explicar que anteriormente ao período grevista na cidade de São Paulo, houve e havia outros movimentos grevistas muito importante.

Repressão ao movimento libertador

O estado republicano que se constituiu através das armas e espadas, levou o regime militar para a constituição das suas relações sociais, a polícia do estado foi vista como extensão do exército com papel fundamental de manter a ordem. As instituições do Estado deram total suporte para suas ações de repressão contra o movimento grevista, as forças militares se posicionaram contrárias a organização operária, recebendo-os com extrema violência e repressão. Muitos dos que compunham as linhas do movimento foram presos, sofreram violência, em casos extremos até mortes foram presenciadas. Aqueles que deveriam preservar a integridade da sociedade, colocaram fim.

A relação entre os operários e o estado constituíram-se de forma conflituosa, não havendo o respeito ao direito de greve. Importante salientar que o código penal brasileiro de 1890 trazia consigo forte repressão aos movimentos grevistas, através dos artigos 205-206:

Art. 205. Seduzir, ou aliciar, operarios e trabalhadores para deixarem os estabelecimentos em que forem empregados, sob promessa de recompensa, ou ameaça de algum mal: Penas - de prisão cellular por um a três mezes e multa de 200\$ a 500\$000.
Art. 206. Causar, ou provocar, cessaçãõ ou suspensão de trabalho, para impor aos operarios ou patrões augmento ou diminuição de serviço ou salario: Pena - de prisão cellular por um a três mezes.³⁵

Houve alterações no Código Penal de 1890³⁶ ainda durante o período *vacatio legis*³⁷, incriminando somente movimentos grevistas violentos. A

³⁵ BRASIL. **Código Penal**. Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro, RJ: Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, [1890]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 18 jul. 2024.

³⁶ Importante expor que a primeira Constituição Republicana seria promulgada no ano seguinte em 1891, e, posteriormente só haveria outra Constituição em 1937 (Estado Novo).

³⁷ Expressão latina com dignificado de vacância da lei, no qual corresponde ao período entre a data de publicação da lei e o início de sua vigência.

forte repressão imposta obteve duas consequências. Primeiro a desistência e a não adesão de muitos trabalhadores ao movimento grevista. Segundo e menos improvável a união/fortalecimento da classe como forma de resistir. Do modo como é relatado pelo jornal as ações policiais:

Se os operarios morrem á mingua e se lamentam, que vão queixar-se á virgem dos desamparados; se reclamam e protestam ahi está a polícia, o exército, a armada e todo o aparelho legalitario, que é uma joia da justiça, para acalmar os seus ânimos indignações e desesperos, com banhos de sabre, ou os frios pavimentos dos caboucos.³⁸

A polícia era vista pela liderança do movimento como submissa aos desejos da oligarquia, reprimindo a luta social. Ao contrário de muitos outros veículos de comunicação, *A Plebe*, buscou compreender as situações que levavam a esse comportamento do que o próprio jornal chamou de *irmãos de miséria*. Afinal a luta não era somente sindical, mas sim para melhores condições de trabalho e de vida de todos ao redor.

O porquê do estado se comportar da respectiva forma? As instituições estatais e seu aparato se colocaram ao dispor da burguesia, afinal o estado era a extensão da classe alta. Enquanto se discutia sobre os caminhos a serem tomados para controlar a situação, as forças militares empregaram grande repressão aos grevistas, principalmente aos seus líderes identificados como culpados por todo o caos na cidade de São Paulo. Desta forma, muitos foram presos como o caso do Editor-Chefe do, *A Plebe*, Edgard Leuenroth que ficou preso até o fim da década de 1910.

A cada investida do estado na busca de reprimir o movimento as tensões cresciam, relatos do impedimento do abastecimento com alimentos do centro da cidade e a ação da polícia, geraram fortes respostas com incêndios de bondes, saques e até mesmo atentados contra figuras públicas importantes. As ações das instituições militares em São Paulo

³⁸ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 5, p. 1.

trouxeram o caos ao contrário do pretendido, o sentimento de revolta crescia e um possível conflito civil regional se apresentava.

Ainda em julho de 1917 poucos dias após o fim do conflito, a militância anarquista alertava seus seguidores para que tomassem cuidado com as provocações exercidas pela polícia do estado, que tinha como objetivo gerar um novo conflito. Porém, agora com um preparo intenso e armas disponíveis para total repressão. Referências eram utilizadas para retratar as tropas – *cães de guarda do capitalismo* e *lacaio dos industriais*. Sabia a liderança anarquista que se houvesse o desejo dos militares não teriam como controlar seus seguidores, e muitos acabariam com suas vidas ceifadas pelo ódio e desejo pela morte impostos as forças de segurança pública.

Vale ressaltar, que pelo lado do movimento anarquista e a imprensa operária, houve grande entusiasmo e agitação com os acontecimentos que moviam a Revolução Russa, almejada como o processo revolucionário necessário e possível na sociedade brasileira. Deste modo, constantemente era expostos nas páginas do periódico anarquista aqui já citado, os caminhos traçados pelos revolucionários russos e como esse era um único modo de acabar com as injustiças sociais que constituíam não só a sociedade paulistana, como brasileira. Não do formato como refletimos hoje através da tomada do poder ou na constituição de um Estado sem instituições, mas sim, da união e organização da classe operária em posição de combate contra as injustiças e lutas pelas igualdades necessárias.

Figura 6 – “*A grandiosa epopeia russa*”.



Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 4, 30 jun. 1917, p. 2. (Arquivo Pessoal)

“Produzir, produzir, deve ser a divisa dos paulistas.”³⁹ para a oligarquia e os governantes, os operários não deveriam pensar em outras coisas além do produzir, pois, somente através do grande abastecimento de mercadorias no mercado externo e interno proporcionariam melhorias nas suas condições de trabalho e por consequência os *benefícios* oferecidos pelo estado aos seus cidadãos. A produção e o trabalho, eram os únicos caminhos possíveis para a *revolução social* segundo aqueles que exploravam a classe operária.

Entretanto, como todo movimento de contestação, durante o crescimento do movimento grevista na capital, o jornal passou a denunciar a ação policial em repressão aos trabalhadores, “Praticando contra elles as suas violentas costumeiras e iniciando contra os militantes do nosso movimento uma obra odiosa de diffamação com o intuito evidente de os desmoralizar e exercer contra elles uma feroz perseguição.”⁴⁰

³⁹ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 1, p. 1.

⁴⁰ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 2, p. 3.

Figura 7 – Velório de um companheiro da luta operária, José Martinez, morto pelas forças militares.



Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 7, 28 jul. 1917, p. 4. (Arquivo Pessoal)

“Ordenou aos soldados que disparassem as carabinas contra os seus irmãos de miséria.”⁴¹, a repressão contra o movimento passou ficar mais intensa a cada movimento dos grevistas, antes a tentativa de evitar invasões das fábricas e controle social, agora avanço bélico com mortes. A polícia da cidade obteve de seus superiores autorização plena para a utilização de todos os recursos ao alcance das tropas para dar fim aos grevistas, e manter aquilo que eles chamavam de ordem social.

Por outro lado, a imprensa anarquista não buscava somente a denúncia das atrocidades cometidas pelas forças militares, alguns

⁴¹ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 8, p. 1.

artigos publicados traziam consigo a conotação emotiva, na tentativa de demonstrar aos de patente baixa, como soldados rasos, que os respectivos faziam parte desse mundo que estava sendo defendido e reformulado pelos operários. Buscando integrar ao movimento revolucionário outras classes sociais, o que já vinha acontecendo ao longo de todo o processo, como alguns exemplos: Carteiros; Chapeleiros; Comerciantes.

As lideranças anarquistas buscaram até mesmo demonstrar aos militares citados anteriormente, o processo ocorrido na Rússia, descrevendo o Comitê de Soldados e Operários que conduziam o país, na esperança de que houvesse trégua nas agressões diárias a classe operária, e que esse entendesse o seu papel fundamental na revolução que os aguardava, podendo preencher campos ainda vazios dentro do movimento e assim constituir um futuro governo revolucionário.

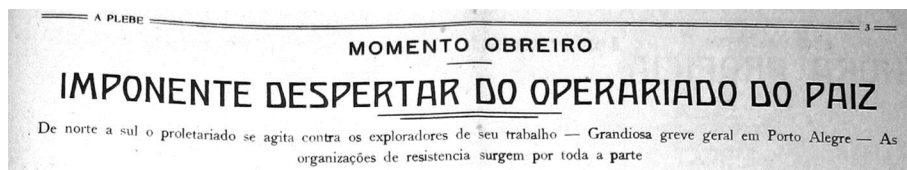
Em um dos artigos publicados no periódico anarquista em agosto de 1917, com o título de “*O exercito e a greve – Houve soldados que se negaram a vir a S. Paulo*”⁴², trazia consigo um importante relato oriundo das palavras segundo Astrojildo Pereira (1890-1965) vindos de um soldado no Rio de Janeiro:

Si é certo que houve soldados que se negaram a massacrar o povo faminto e esfolado pela ganancia dos açambarcadores estrangeiros (o maior dos açambarcadores Matarazzo, não é brasileiro – para que os imbecis e os aurelinos aprendam: não sómente os <agitadores> é que são estrangeiros), que seja isso divulgado e saiba o povo que o exercito não quer responder com chumbo a quem reclama pão.⁴³

⁴² *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 8, p. 2.

⁴³ *A Plebe*, São Paulo, 1917, ano 1, n. 8, p. 2.

Figura 8 – “*IMPONENTE DESPERTAR DO OPERARIADO DO PAIZ*”.



Fonte: *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 8, 4 ago. 1917, p. 3. (Arquivo Pessoal)

Os anarquistas além de denunciarem as agressões presenciadas pelos operários enquanto lutavam pelos seus direitos sociais e naturais, buscaram libertar também a classe militar, levando a luz do conhecimento. Em diferentes momentos contrário do que se esperava os grevistas receberam apoio dos militares, como no caso citado acima. Os anarquistas enxergavam os trabalhadores como uma única classe, não importava a sua função dentro do estado.

Considerações finais

Podemos concluir então que o movimento operário durante a Greve Geral de 1917 na cidade de São Paulo, pôde unir e organizar a classe operária em prol de um projeto único que era a reformulação e garantia dos direitos. Buscando romper com a grande alienação imposta pela oligarquia, no que proporcionava o desinteresse pela situação vivida pelos operários, além do olhar para as ideologias de esquerda, como o anarquismo, autoritárias e representantes da morte e perseguição.

A Plebe, teve o papel fundamental de noticiar os acontecimentos durante o período grevista, assim como, as suas consequências. Entretanto, mesmo sendo um veículo de comunicação no qual seu objetivo principal é transmitir informações através de notícias, o periódico anarquista constituiu suas páginas através do pilar do ensino, muito antes da notícia.

Buscou-se ensinar seus leitores sobre a realidade no qual estavam inseridos, e os caminhos que poderiam ser seguidos para a transformação

social, através de exemplos em outras localidades dentro e fora do país, assim como, com testemunhos de operários/integrantes anarquistas que estavam presenciando os acontecimentos na capital durante o período grevista.

Ponto muito importante é a valorização dos operários, principalmente através de seus testemunhos. *A Plebe*, cedeu espaço para que o olhar e experiência de outros operários trouxessem ao jornal a perspectiva de estar literalmente ali lutando juntamente com grevistas. Falar a *língua do povo* foi fundamental para seu grande crescimento e popularização, o que antes muitos jornais ignoravam – deixar a linguagem formal – buscar se aproximar dos operários, trouxe ao periódico a simbologia de um *irmão de miséria* como já foi relatado em outro momento do texto a terminologia. Podendo noticiar os acontecimentos e sendo aceito como fonte de informação confiável pelos operários e suas lideranças.

Mostrou aos operários paulistanos que não estavam sozinhos, e que a luta imposta perante os abusos e explorações promovidos pelo estado e a oligarquia, poderiam ser combatidos. Outros movimentos grevistas em diferentes localidades fora da cidade de São Paulo foram noticiados, com a perspectiva de apresentar aos operários paulistanos o apoio e importância do movimento.

A classe operária foi o centro da difusão e o público-alvo do movimento anarquista em sua essência, mas torna-se importante destacarmos a promoção da visão de uma única classe trabalhadora, seja qual fosse a função exercida por aquele cidadão. Ficando muito evidente na busca em que o jornal se empenhou em apresentar aos militares que estavam reprimindo o movimento grevista com extrema violência, de que além da farda estava um trabalhador do estado, e que sofriam as mesmas mazelas sociais que outros em diferentes funções. A união e organização da classe trabalhadora em prol de um projeto tornou-se o eixo central para a luta anarquista.

Porém mesmo com todos os aparatos de repressão por parte do estado, os anarquistas puderam organizar e conscientizar a classe operária naquilo que ficou conhecido como um dos maiores movimentos grevistas

do século XX, podendo colocar em xeque a exploração da classe operária e enaltecendo sua força de trabalho para o progresso da sociedade.

Os anarquistas conseguiram no período de 30 dias de mobilização intensa, organizar a classe operária, instituir um propósito que pôde vigorar posteriormente. Além disso importantes direitos foram conquistados, como jornadas de trabalho, regulamentação do trabalho infantil e da mulher, aumento dos soldos, dentre outros.

Referências

BARRIENTOS, Matheus Ferreira. *O jornal A Plebe e a luta pela construção de uma consciência anarquista de classe (1917-1924)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

BANDEIRA, Antonio Francisco Junior. *A indústria no Estado de São Paulo em 1901*. São Paulo: Tip. do “Diário Oficial”, 1901.

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BATALAHA, Cláudio H. M. O Movimento Operário Brasileiro e a Inspiração Internacional (1870-1920). *Canoa do Tempo*, Manaus, AM, v. 5/6, n. 1, p. 75-88, jan./dez. 2011/2012.

BIONDI, Luigi. A Greve Geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: Novas perspectivas. *Cadernos AEL*, Campinas, SP, v. 15, n. 27, 2009.

CARDOSO, Fernando Henrique. O café e a industrialização da cidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, SP, v. 20, n. 42, 1960.

DA SILVA, Paulo Celso. 100 anos da greve geral de 1917: a iconografia do movimento operário. In: MARTINS, Marcos Francisco. *Lutas sociais em Sorocaba/SP ontem e hoje: Greve Geral de 1917, embate antifascista de 1937 e mobilizações atuais*. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GONÇALVES, Aracely Mehl; MOURA, Maria Isabel Nascimento. *Anarquismo, Trabalho e Educação nas folhas do jornal "A Plebe"*. São Paulo: Unicamp, 2018.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PAIVA, Odair da Cruz. Arquivos da imigração no contexto da hospedaria de imigrantes de São Paulo. *Revista Patrimônio e Memória*, Marília, SP, v. 5, n. 2, p. 82-97, dez. 2009.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

SAMIS, Alexandre. Os matizes do sentido-anarquismo, anarquia e a formação do vocabulário político no século XIX. *Revista Verve*, São Paulo, SP, n. 2, 2002.

SANTOS, Hamilton. Imigração e Anarquismo no movimento operário durante a Primeira República. *Revista Estudos Libertários*, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 2, p. 1-33, 2 semestre de 2019.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Jornal:

A Plebe

Documentos legislativos:

BRASIL. *Código Penal*. Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro, RJ: Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, [1890]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 18 jul. 2024.

Enviado em: 24/07/2024

Aceito em: 04/02/2025